



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário - Nº 8 - 26/1/2025

‘Mês da visibilidade’ expõe a violência reacionária sobre as pessoas trans

Segundo a ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, uma pessoa trans é assassinada a cada três dias no Brasil. Foram 145 pessoas trans assassinadas em 2023, 14 a mais do que no ano anterior. Os números podem ser ainda maiores, dada a subnotificação. O perfil das vítimas era de 94% mulheres, pretas ou pardas; 72% jovens de 18 e 29 anos; 34,5% de pessoas que viviam da prostituição. E mais da metade assassinada com requintes de crueldade. O Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo.

Como se vê, a barbárie sobre esse grupo social continua bastante avançada. Não é preciso dizer que as trans pobres, que fazem parte das classes trabalhadoras são aquelas que mais sofrem os efeitos deletérios do capitalismo em decomposição. A ligação entre uma coisa e outra é simples, com o avanço da crise capitalista, crescem a desigualdade, a fome, a miséria, etc., o que empurra uma parcela da população para posições ideológicas atrasadas, reacionárias. Ai estão as razões principais da manutenção da discriminação mesmo com políticas afirmativas que não fazem senão tapar o sol com a peneira e alimentar ilusões democratizantes de inclusão social. De fato, as diversas formas de opressão que vemos no capitalismo, como a opressão sobre as mulheres, negros, indígenas e LGBTs, possuem raiz na opressão de classe, que é seu fundamento material. Assim, só uma resposta política que atenda as exigências do problema de classe poderá resolver a opressão sobre as pessoas trans.

No dia 29 de janeiro de 2004, foi organizado em Brasília um ato nacional para o lançamento da Campanha “Travesti e Respeito”, no Congresso Nacional. Essa campanha foi um marco na história do movimento contra a transfobia, sendo organizada por pessoas trans e travestis. Outras leis foram aprovadas depois disso, como forma de mitigar a violência. Mais de 20 anos depois, os números indicam que não houve reversão no quadro de violência e assassinatos. Pelo contrário, os números aumentaram, o que também pode ser reflexo do maior registro de ocorrências. Seja como for, se assumir transexual no Brasil é um ato de coragem que implica assumir grandes riscos, principalmente se sua origem for proletária.

O Congresso corrompido até a medula está comprometido com a burguesia e seus ajustes fiscais. Até podem conceder uma lei aqui outra ali, expressando uma máscara de proteção. O papel aceita tudo, no entanto, a violência reacionária e cotidiana segue seu curso de acordo com o avanço da crise capitalista mais geral.

O movimento LGBT de conjunto sofre ainda com outro problema fundamental, sua direção política, orientada para o distraçionismo e identitarismo (sobreposição da identidade sobre a classe). O formato e o conteúdo político das ‘Paradas do Orgulho LGBT’ comprovam essa afirmação. A tarefa das pessoas trans para combater a violência reacionária consiste em romper com as ilusões democratizantes dos reformistas e centristas, formar no interior do movimento direções classistas e revolucionárias, vincular a luta das pessoas trans com a dos demais oprimidos, e pressionar as direções sindicais e populares que assumam a defesa de todos os oprimidos contra a degradação de suas condições de vida.

Milite no POR, um partido de quadros marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.
nossa.classe@hotmail.com - pormassas.org - @massas.por - anchor.fm/por-massas - (11) 95446-2020

